



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING SINDILAT

Fevereiro 2022



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING SINDILAT

Fevereiro 2022

**Veículo:** Jornal Correio do Povo

**Data:** 01/02/2021

**Página:** Pg 08, Rural

**Centimetrage:** 25cm

## Estiagem amplia crise da área leiteira do RS

Produção das vacas cai por causa das pastagens secas e criador considera preço que recebe insuficiente para cobrir custos

A estiagem que assola o Estado desde novembro preocupa a pecuária leiteira. Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo para fazer frente às dificuldades do setor.

De acordo com a Emater/RS-Ascar, a estiagem reduziu em

2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade. Os danos podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. "Associado a isso, há o estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos", explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês

(Gadolando), Marcos Tang, diz que, na falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. "A maioria pega esse milho raquitico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa", constata Tang.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do

Sul (Fetag-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, a produção de leite caiu 50%. "Temos um preço médio de R\$ 1,80 a 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80", compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. "Esse movimento está se acentuando e não atinge só o pequeno; o médio e o grande (produtores) também estão desistindo", diz.

A indústria também sente o efeito da seca. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas que são monitoradas estima-se uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

Veículo: Jornal Correio do Povo

Data: 15/02/2021

Página: Pg 08, Rural

Centimetragem: 20cm

# Gaúchos querem nova ferrovia

Cadeias produtivas defendem que trecho entre Cascavel e Chapecó seja prolongado até o RS

**O** Rio Grande do Sul tem interesse em ver estendida até seu território a ferrovia que vai ligar os municípios de Cascavel (PR) a Chapecó (SC), já autorizada pelo Ministério da Infraestrutura. A ideia defendida por diversos setores da indústria gaúcha – entre eles o da proteína animal, em especial a de aves, suínos e leite – é que a linha chegue primeiro a Passo Fundo, na região do Planalto, e depois a Estrela no Vale do Taquari. O assunto foi debatido no final da semana passada, em Porto Alegre, entre representantes da cadeia de proteína animal, como a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) e o Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos (Sips), o senador Luis Carlos Heinze e o Conselho da Agroindústria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Conaro/Fiergs), coordenado por Alexandre Guerra, vice-presidente do Sindilat.

Conforme o senador, o Estado necessita de outros modais de transporte da produção, como ferrovias e hidrovias, que tornariam os produtos gaúchos mais competitivos no mercado internacional. “O custo com o transporte teria uma redução superior a 20%”, calcula o parlamentar. “A iniciativa privada quer investir nesses modais”, afirma.

De acordo com o Ministério de Infraestrutura, o país tem hoje 21 ferrovias em desenvolvimento, com nove projetos autorizados. Embora já seja discutida há muito tempo pelo agronegócio, a ampliação do modal ferroviário favoreceria também diversos outros setores da economia, afirma o diretor executivo do Sips, Rogério Kerber. “Por isso, ter o transporte ferroviário nos interessa sim”, complementa. Uma ferrovia no sentido Norte-Sul pode facilitar o transporte de milho do Centro-Oeste para o Rio Grande do Sul.

**Veículo:** Jornal da Manhã

**Data:** 24/02/2021

**Página:** Pg 01, Capa

**Centimetragem:** 8cm

# Decreto estadual prejudica cadeia do leite no Estado



Darlan Palharini, Guilherme Portella, Valdeci Oliveira e Zé Nunes discutiram ações para reverter medidas | 3

**Veículo:** Jornal da Manhã

**Data:** 24/02/2021

**Página:** Pg 03, Economia

**Centimetragem:** 45cm

## Cadeia do leite perde competitividade

As indústrias lácteas do Rio Grande do Sul vêm perdendo competitividade e mudanças feitas pelo governo do Estado estão agravando a situação. O secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Darlan Palharini, em entrevista ao JM, apresentou essa preocupação.

Ele conta que um decreto do governo do Estado que tira os créditos presumidos e os condiciona para empresas que compram 100% da matéria prima no Rio Grande do Sul. "É uma situação que complica o setor, pois embora a matéria prima seja 100% adquirida no Estado, há insumos para o leite UHT e o leite condensado que precisa de embalagens cartonadas que não são produzidas aqui. Há duas grandes empresas no País, a Tetra Pak (São Paulo) e a Sig (Paraná), que fabricam. Não temos alternativa. Outra questão é a questão do açúcar e do sal que não são produzidos no Estado."

Ele observa que, a partir destas exigências do governo gaúcho, a em 2002 está acontecendo uma redução dos créditos presumidos

em 5%; em 2023 passará para 10%, chegando em 2014 a 15%."

Palharini salienta que o Rio Grande do Sul já foi o segundo maior produtor do País e hoje se encontra em terceiro lugar, perdendo a posição para o Paraná. "Estamos vendo Santa Catarina aumentando sua produção e se aproximando dos números do Estado. É preocupante o que vem acontecendo e até agora não conseguimos conversar com o governador Eduardo Leite sobre essa questão."

As indústrias lácteas gaúchas foram destaque na produção de produtos como iogurtes, alguns tipos de queijo e manteiga, mas que no decorrer do tempo vêm perdendo competitividade. "Acreditamos que é preciso o governo do Estado repensar essa medida, porque estão penalizando toda a cadeia produtiva. Nesta semana estivemos com o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Valdeci Oliveira, apresentando essa realidade. Ele anunciou apoio a essa demanda. Nossa



Darlan Palharini

ideia é agendar nos próximos 15 dias uma reunião com o governador e apresentar na Assembleia Legislativa os impactos dessa decisão no setor lácteo gaúcho. Já enfrentamos os reflexos da estiagem. Não existe mágica. É preciso uma ação efetiva para essa situação."



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

## **CLIPPING ONLINE**

Fevereiro de 2022

**Veículo:** Edairy

**Link:** <https://edairynews.com/br/estiagem-amplia-crise-da-area-leiteira-do-rs/>

**Página:** Notícias

**Data:** 01/02/2022

Brasil | FEB 1, 2022

## **PRODUTORES DE LATICÍNIOS | ESTIAGEM AMPLIA CRISE DA ÁREA LEITEIRA DO RS**

**Produção das vacas cai por causa das pastagens secas e criador considera preço que recebe insuficiente para cobrir custos.**



FONTE: AGROEMDIA

**Publicado por:** Cloe Desirée Juarez

**Fuente:** Correio Do Povo

**Autor:** Patrícia Feiten

---

A estiagem que assola o Estado desde novembro preocupa a pecuária leiteira. Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo para fazer frente às dificuldades do setor.

De acordo com o boletim divulgado na terça-feira passada (24) pela Emater/Ascar-RS, a estiagem reduziu em 2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade. Os danos da seca podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. “Associado a isso, há o efeito do estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos”, explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, diz que, na falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. “A maioria pega esse milho raquítico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa”, constata Tang. O pecuarista lembra que, no Rio Grande do Sul, a base da nutrição dos animais é silagem de milho. “E nós não produzimos o suficiente desde a safra 2019/2020”, recorda.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetagr-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, a produção de leite caiu 50%. “Temos um preço médio de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80”, compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. “Esse movimento está se acentuando (com a estiagem) e não atinge só o pequeno (produtor); o médio e o grande também estão desistindo”, diz.

A indústria também sente o efeito da seca. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas empresas monitoradas, estima-se uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

**Veículo:** Destaque News

**Link:** [https://destaquenews.com/estiagem-amplia-crise-da-area-leiteira-do-rs/?doing\\_wp\\_cron=1646672975.4420850276947021484375](https://destaquenews.com/estiagem-amplia-crise-da-area-leiteira-do-rs/?doing_wp_cron=1646672975.4420850276947021484375)

**Página:** Notícias

**Data:** 01/02/2022

Notícias Rural

## Estiagem amplia crise da área leiteira do RS

 Destaque News · 1 de fevereiro de 2022 Última Atualização 1 de fevereiro de 2022



A estiagem que assola o Estado desde novembro preocupa a pecuária leiteira. Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo para fazer frente às dificuldades do setor.

De acordo com o boletim divulgado na terça-feira passada (24) pela Emater/Ascar-RS, a estiagem reduziu em 2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade. Os danos da seca podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. "Associado a isso, há o efeito do estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos", explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, diz que, na falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. "A maioria pega esse milho raquítico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa", constata Tang. O pecuarista lembra que, no Rio Grande do Sul, a base da nutrição dos animais é silagem de milho. "E nós não produzimos o suficiente desde a safra 2019/2020", recorda.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, a produção de leite caiu 50%. "Temos um preço médio de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80", compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. "Esse movimento está se acentuando (com a estiagem) e não atinge só o pequeno (produtor); o médio e o grande também estão desistindo", diz.

A indústria também sente o efeito da seca. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas empresas monitoradas, estima-se uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

Autor: [Correio do Povo](#)

**Veículo:** Terra Viva

**Link:** <http://www.terraviva.com.br/noticias/estiagem-amplia-crise-da-area-leiteira-do-rs-38507>

**Página:** Notícias

**Data:** 02/02/2022



Imagem de Arnaud Liégeois por Pixabay

2 de fevereiro de 2022

## Estiagem amplia crise da área leiteira do RS

COMPARTILHAR



in



**Estiagem/RS - A estiagem que assola o Estado desde novembro preocupa a pecuária leiteira. Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo para fazer frente às dificuldades do setor.**

De acordo com o boletim divulgado na terça-feira passada (24) pela Emater/Ascar-RS, a estiagem reduziu em 2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade. Os danos da seca podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. "Associado a isso, há o efeito do estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos", explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, diz que, na falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. "A maioria pega esse milho raquitico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa", constata Tang. O pecuarista lembra que, no Rio Grande do Sul, a base da nutrição dos animais é silagem de milho. "E nós não produzimos o suficiente desde a safra 2019/2020", recorda.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, a produção de leite caiu 50%. "Temos um preço médio de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80", compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. "Esse movimento está se acentuando (com a estiagem) e não atinge só o pequeno (produtor); o médio e o grande também estão desistindo", diz.

A indústria também sente o efeito da seca. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas empresas monitoradas, estima-se uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

**Veículo:** MilkPoint

**Link:** <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/estiagem-amplia-crise-da-area-leiteira-do-rs-228867/>

**Página:** Giro de Notícias

**Data:** 02/02/2022



A estiagem que assola o Estado desde novembro **preocupa a pecuária leiteira**.

Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. **A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo** para fazer frente às dificuldades do setor.

De acordo com o boletim divulgado na terça-feira passada (24) pela Emater/Ascar-RS, a **estiagem reduziu em 2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado**, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade.

Os **danos da seca** podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. "Associado a isso, há o efeito do estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos", explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, diz que, na **falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas**, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. "A maioria pega esse milho raquítico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa", constata Tang. O pecuarista lembra que, no Rio Grande do Sul, a base da nutrição dos animais é silagem de milho. "E **nós não produzimos o suficiente desde a safra 2019/2020**", recorda.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetagr-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, **a produção de leite caiu 50%**. "Temos um preço médio de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80", compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. "Esse movimento está se acentuando (com a estiagem) e não atinge só o pequeno (produtor); o médio e o grande também estão desistindo", diz.

A **indústria também sente o efeito da seca**. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas empresas monitoradas, estima-se uma **queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores**, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

As informações são do [Correio do Povo](#), adaptadas pela equipe MilkPoint.

**Veículo:** GuiaLat

**Link:** [https://www.guialat.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=9685](https://www.guialat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=9685)

**Página:** Notícias

**Data:** 02/02/2022

## Estiagem amplia crise da área leiteira do RS

01-02-2022 09:38:13 Por: *Patrícia Feiten, Correio do Povo*



A estiagem que assola o Estado desde novembro preocupa a pecuária leiteira. Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo para fazer frente às dificuldades do setor.

De acordo com o boletim divulgado na terça-feira passada (24) pela Emater/Ascar-RS, a estiagem reduziu em 2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade. Os danos da seca podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. “Associado a isso, há o efeito do estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos”, explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, diz que, na falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. “A maioria pega esse milho raquítico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa”, constata Tang. O pecuarista lembra que, no Rio Grande do Sul, a base da nutrição dos animais é silagem de milho. “E nós não produzimos o suficiente desde a safra 2019/2020”, recorda.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, a produção de leite caiu 50%. “Temos um preço médio de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80”, compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. “Esse movimento está se acentuando (com a estiagem) e não atinge só o pequeno (produtor); o médio e o grande também estão desistindo”, diz.

A indústria também sente o efeito da seca. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas empresas monitoradas, estima-se uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

As informações são do **Correio do Povo**.

**Veículo:** Eco Regional

**Link:** <https://ecoregional.com.br/destaque/estiagem-amplia-crise-da-area-leiteira-do-rio-grande-do-sul>

**Página:** Notícias

**Data:** 02/02/2022

# Estiagem amplia crise da área leiteira do Rio Grande do Sul

 Por **Manoela Alves** 02/02/2022



- Advertisement -

Produção das vacas cai por causa das pastagens secas e criador considera preço que recebe insuficiente para cobrir custos

A estiagem que assola o Estado desde novembro preocupa a pecuária leiteira. Além de ter comprometido o desenvolvimento das pastagens, a falta de água devastou as plantações de milho, dificultando a estocagem de silagem para a alimentação das vacas. A produção caiu, os custos subiram e o preço pago pelo leite é considerado baixo para fazer frente às dificuldades do setor.

De acordo com o boletim divulgado na terça-feira passada (24) pela Emater/Ascar-RS, a estiagem reduziu em 2,2 milhões de litros a produção diária de leite no Estado, com uma perda média de 82,5 litros por propriedade. Os danos da seca podem ser verificados não apenas nas pastagens anuais de verão, mas também nas perenes, que são mais resistentes à falta de água, segundo o gerente técnico da Emater, Jaime Ries. “Associado a isso, há o efeito do estresse calórico, que contribui para que o animal consuma menos”, explica.

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, diz que, na falta de pasto e milho, os produtores recorrem a alternativas inusitadas, como bagaço de uva e laranja, e à suplementação alimentar para manter as vacas. Essas medidas, porém, acabam impactando a produtividade. “A maioria pega esse milho raquítico (afetado pela seca) e guarda no silo para ter alguma coisa”, constata Tang. O pecuarista lembra que, no Rio Grande do Sul, a base da nutrição dos animais é silagem de milho. “E nós não produzimos o suficiente desde a safra 2019/2020”, recorda.

Segundo o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS), Eugênio Zanetti, em alguns municípios do Médio e Alto Uruguai, como Alpestre, a produção de leite caiu 50%. “Temos um preço médio de R\$ 1,80 a R\$ 1,90 para o litro, e o quilo da ração custa de R\$ 2,50 a R\$ 2,80”, compara. Sem comida para os animais e pressionados pelos custos, muitos pecuaristas abandonam a atividade. “Esse movimento está se acentuando (com a estiagem) e não atinge só o pequeno (produtor); o médio e o grande também estão desistindo”, diz.

A indústria também sente o efeito da seca. As empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam em torno de 85% da produção de leite no Estado, recebem nesta época de 11 milhões a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas empresas monitoradas, estima-se uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo o secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

**Veículo:** Correio do Povo

**Link:** <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/rural/ga%C3%BAchos-querem-nova-ferrovia-1.771415>

**Página:** Rural

**Data:** 14/02/2022

## Gaúchos querem nova ferrovia

Cadeias produtivas defendem que trecho entre Cascavel e Chapecó seja prolongado até o RS

14/02/2022 | 18:50

Nereida Vergara



O Rio Grande do Sul tem interesse em ver estendida até seu território a ferrovia que vai ligar os municípios de Cascavel (PR) a Chapecó (SC), já autorizada pelo Ministério da Infraestrutura. A ideia defendida por diversos setores da indústria gaúcha – entre eles o da proteína animal, em especial a de aves, suínos e leite – é que a linha chegue primeiro a Passo Fundo, na região do Planalto, e depois a Estrela no Vale do Taquari. O assunto foi debatido no final da semana passada, em Porto Alegre, entre representantes da cadeia de proteína animal, como a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) e o Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos (Sips), o senador Luis Carlos Heinze e o Conselho da Agroindústria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Conaro/Fiergs), coordenado por Alexandre Guerra, vice-presidente do Sindilat.

Conforme o senador, o Estado necessita de outros modais de transporte da produção, como ferrovias e hidrovias, que tornariam os produtos gaúchos mais competitivos no mercado internacional. “O custo com o transporte teria uma redução superior a 20%”, calcula o parlamentar. “A iniciativa privada quer investir nesses modais”, afirma.

De acordo com o Ministério de Infraestrutura, o país tem hoje 21 ferrovias em desenvolvimento, com nove projetos autorizados. Embora a ampliação do modal ferroviário já seja discutida há muito tempo pelo agronegócio, a ampliação favoreceria muitos setores da economia, afirma o diretor executivo do Sips, Rogério Kerber. “Por isso, ter o transporte ferroviário nos interessa sim”, complementa. Uma ferrovia no sentido Norte-Sul pode facilitar o transporte de milho do Centro-Oeste para o Rio Grande do Sul.

**Veículo:** AG – Revista do Criador

**Link:** <https://edcentaurus.com.br/ag/noticias/13965>

**Página:** Rural

**Data:** 14/02/2022

## FÓRUM ESTADUAL DO LEITE EXPÕE OS DESAFIOS DO SETOR LEITEIRO NO BRASIL



A 15ª edição do Fórum Estadual do Leite, realizado na manhã da quarta-feira (13), na Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque, começou com clima de otimismo e esperança após o discurso do secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Covatti Filho. Os integrantes da cadeia produtiva leiteira, que lotaram o auditório central do Parque de Exposições, escutaram o

compromisso e o engajamento do secretário, que saiu em defesa das demandas do setor com o Mercosul, da ampliação do uso de forrageiras pelos produtores e com relação ao fim do subsídio sobre a energia elétrica utilizada pelos produtores rurais. “Conversamos com a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, que nos sinalizou que o subsídio será mantido e prorrogado por um ano. Após esse prazo, serão feitas algumas adequações”, afirmou o representante do executivo gaúcho no evento.

As mudanças no cenário produtivo do leite dos últimos anos e a necessidade de implementação de tecnologias de produção para que os pequenos produtores não sejam engolidos pelos grandes, e para que consigam produzir para multinacionais, norteou a manhã de palestras no Fórum Estadual do Leite. O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo do Carmo Martins, foi o responsável por abordar esse novo tempo para o setor leiteiro, comparando a cadeia produtiva do passado com a que pode se transformar a partir do uso da Tecnologia da Informação (TI), dos jovens e suas ideias criativas e de grandes players que já perceberam a importância da cadeia produtiva do leite, a exemplo de Microsoft, Cisco, IBM, TOTVS, entre outras gigantes.

“É essencial que haja uma adequação às novas demandas dos clientes. Não podemos nos acomodar”, destacou Martins, ao apontar que o mundo atual é o do compartilhamento – de conhecimentos, de produtos e de serviços. “O novo mundo e a nova economia mudaram a lógica da produção”, frisou, chamando a atenção para a transformação que se avizinha também ao setor do leite. Citou o Ideas for Milk, desafio de startups que vem ao longo dos anos destacando grandes inovações voltadas exclusivamente ao setor leiteiro. “O mundo digital veio para resolver grande parte dos nossos problemas”, afirmou Martins.

O economista da Embrapa Gado de Leite, Glauco Carvalho, lembrou que o setor, em 2017, pagou fortemente pelo 'preço' da crise, quando em apenas um ano foram perdas conquistadas equivalentes a oito anos em termos de consumo. "Estamos, porém, na terceira posição na produção mundial e não figuramos entre os maiores importadores, nem exportadores", afirmou o economista. No período 2000-2017, destacou Carvalho, o Brasil foi o país que apresentou o segundo maior crescimento em produção do mundo. "Crescemos 65% e só perdemos para a Nova Zelândia", afirmou. Metade desse crescimento ocorreu nos estados da Região Sul (35,7%). De acordo com Carvalho, a área agricultável do Brasil equivale ao território de 33 países do continente europeu. Esse fato demonstra que a produção agrícola e pecuária do país ainda tem muito a crescer, mas é preciso ampliar a eficiência para melhorar a competitividade.

Uma das idealizadoras do movimento #bebamaisleite, Ana Paula Menegatti, falou sobre as ações realizadas pelo Brasil em prol da conscientização de crianças e adultos sobre os benefícios da ingestão de leite. Para isso, por meio de parcerias com indústrias, ela e a sócia Flávia Fontes utilizam diversas ferramentas que vão desde eventos próprios até promoção de palestras e debates com celebridades que também apreciam a bebida, além de médicos e especialistas na área.

Para o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, as palestras do Fórum Estadual do Leite evidenciaram a necessidade de adoção de atitudes rápidas e concretas por parte do setor para seja possível melhorar a competitividade da cadeia produtiva. "Isso é fundamental para que possamos continuar neste mercado competitivo e globalizado", disse, chamando a atenção para a necessidade de que a produtividade por animal seja ampliada. Como consequência, pontua Guerra, os custos de logística e de operação reduzem, permitem uma readequação da indústria e possibilitam que o país deixe de ser importador para se tornar uma nação exportadora de lácteos. "Temos muito trabalho a ser feito e esses desafios devem ser encarados como oportunidades".

O Fórum Estadual do Leite é uma promoção da Cotrijal e da CCGL, com apoio do Sindilat, da Sementes Adriana e do Senar/RS.

**Data:** 14/03/2019

**Fonte:** Sindilat

**Veículo:** Revista Ferrovia

**Link:** <https://revistaferroviaria.com.br/2022/02/gauchos-querem-nova-ferrovia/>

**Página:** Rural

**Data:** 15/02/2022

## Gaúchos querem nova ferrovia

🕒 15/02/2022 👤 Correio do Povo 📁 Notícias da Imprensa

**Correio do Povo (RS)** – O Rio Grande do Sul tem interesse em ver estendida até seu território a ferrovia que vai ligar os municípios de Cascavel (PR) a Chapecó (SC), já autorizada pelo Ministério da Infraestrutura. A ideia defendida por diversos setores da indústria gaúcha – entre eles o da proteína animal, em especial a de aves, suínos e leite – é que a linha chegue primeiro a Passo Fundo, na região do Planalto, e depois a Estrela no Vale do Taquari. O assunto foi debatido no final da semana passada, em Porto Alegre, entre representantes da cadeia de proteína animal, como a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) e o Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos (Sips), o senador Luis Carlos Heinze e o Conselho da Agroindústria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Conaro/Fiergs), coordenado por Alexandre Guerra, vice-presidente do Sindilat.

Conforme o senador, o Estado necessita de outros modais de transporte da produção, como ferrovias e hidrovias, que tornariam os produtos gaúchos mais competitivos no mercado internacional. “O custo com o transporte teria uma redução superior a 20%”, calcula o parlamentar. “A iniciativa privada quer investir nesses modais”, afirma.

De acordo com o Ministério de Infraestrutura, o país tem hoje 21 ferrovias em desenvolvimento, com nove projetos autorizados. Embora a ampliação do modal ferroviário já seja discutida há muito tempo pelo agronegócio, a ampliação favoreceria muitos setores da economia, afirma o diretor executivo do Sips, Rogério Kerber. “Por isso, ter o transporte ferroviário nos interessa sim”, complementa. Uma ferrovia no sentido Norte-Sul pode facilitar o transporte de milho do Centro-Oeste para o Rio Grande do Sul.

Fonte: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/rural/ga%C3%BAchos-querem-nova-ferrovia-1.771415>

**Veículo:** Udop

**Link:** <https://www.udop.com.br/noticia/2022/02/15/gauchos-querem-nova-ferrovia.html>

**Página:** Rural

**Data:** 15/02/2022

### Gaúchos querem nova ferrovia

Publicado em 15/02/2022 às 14h27

O Rio Grande do Sul tem interesse em ver estendida até seu território a ferrovia que vai ligar os municípios de Cascavel (PR) a Chapecó (SC), já autorizada pelo Ministério da Infraestrutura. A ideia defendida por diversos setores da indústria gaúcha -- entre eles o da proteína animal, em especial a de aves, suínos e leite -- é que a linha chegue primeiro a Passo Fundo, na região do Planalto, e depois a Estrela no Vale do Taquari. O assunto foi debatido no final da semana passada, em Porto Alegre, entre representantes da cadeia de proteína animal, como a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) e o Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos (Sips), o senador Luis Carlos Heinze e o Conselho da Agroindústria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Conaro/Fiergs), coordenado por Alexandre Guerra, vice-presidente do Sindilat.

Conforme o senador, o Estado necessita de outros modais de transporte da produção, como ferrovias e hidrovias, que tornariam os produtos gaúchos mais competitivos no mercado internacional. "O custo com o transporte teria uma redução superior a 20%", calcula o parlamentar. "A iniciativa privada quer investir nesses modais", afirma.

De acordo com o Ministério de Infraestrutura, o país tem hoje 21 ferrovias em desenvolvimento, com nove projetos autorizados. Embora a ampliação do modal ferroviário já seja discutida há muito tempo pelo agronegócio, a ampliação favoreceria muitos setores da economia, afirma o diretor executivo do Sips, Rogério Kerber. "Por isso, ter o transporte ferroviário nos interessa sim", complementa. Uma ferrovia no sentido Norte-Sul pode facilitar o transporte de milho do Centro-Oeste para o Rio Grande do Sul.

**Fonte:** Correio do Povo (RS)

**Veículo:** Rádio Progresso

**Link:** <https://www.radioprogresso.com.br/famurs-e-entidades-representativas-do-agro-alinham-posicionamento-sobre-a-estiagem/>

**Página:** Notícias

**Data:** 17/02/2022

## Famurs e entidades representativas do agro alinham posicionamento sobre a estiagem



17/02/2022 11:59 Jonas Vieira 17/02/2022 11:59

A Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs) promoveu encontro com diversas entidades representativas do agronegócio. A reunião, realizada na sede da entidade, teve como objetivo apresentar exposições do cenário econômico em cada setor e alinhar discursos e pautas.

Conforme o presidente da Famurs e prefeito de São Borja, Eduardo Bonotto, individualmente cada setor tem as suas pautas e demandas, mas todos precisam de algo em comum nos pleitos. "Precisamos rever encaminhamentos de forma equalizada, ter pautas organizadas e um discurso alinhado, afinal é um processo guarda-chuva tanto a nível estadual quanto federal visto o agravamento da estiagem. Cada setor tem a sua peculiaridade, mas se não houver orçamento federal, se terá grandes dificuldades de atendimento dos pedidos. Precisamos trabalhar em unidade para buscar soluções viáveis para todos, reforçando a importância da bancada gaúcha em Brasília e dos deputados estaduais aqui no Estado neste trabalho", justificou.

Na oportunidade, as entidades representativas apresentaram estudos de como a estiagem tem atingido seus respectivos setores, destacando dados alarmantes dos prejuízos nas produções e dificuldades para aporte financeiro.

Entre outros pontos, o vice-presidente da Farsul, Elmar Konrad, chamou atenção para a previsão de orçamentos e salientou que para se manter a área da safra anterior, nos preços atuais, há um aumento de custo de 60%. Em sua manifestação, pediu para que as entidades representativas se somem, utilizando os estudos e levantamentos produzidos pelas equipes técnicas. Conforme o economista-chefe, Antônio da Luz, as entidades não podem falar de maneira dispersa e, neste momento, a discussão precisa ser sobre recompor o orçamento do Ministério da Agricultura e que é preciso apoio da Famurs e demais representantes.

O diretor executivo do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Estado do Rio Grande do Sul (SIPS), Rogerio Kerber, declarou que as consequências da estiagem não ficam apenas na área rural, mas que está se estendendo para outros segmentos e que, quanto a proteína animal, mesmo sem números definitivos, o desafio irá se estender para 2023, uma vez que o setor tem dificuldades de se adaptar com rapidez. Kerber manifestou que é fundamental criar condições de implantar um programa de irrigação robusta no RS, para viabilizar a reserva de água.

Em virtude dos problemas climáticos, outro segmento que teve queda de produção foi o leiteiro. De acordo com o assessor da Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Apil/RS), Osmar Redin, serão três anos de consequências na atividade leiteira. Ele afirmou que é necessário crédito, tanto estadual quanto federal, para que se amenize a situação no estado.

Na oportunidade, o presidente da Fetag, Carlos Joel da Silva, salientou que é preciso olhar para toda a cadeia que compreende a agricultura familiar e que o papel das entidades é cobrar do governo o orçamento para atender as demandas.

Presente no encontro, o líder do governo Leite e representante da Assembleia Legislativa, deputado Frederico Antunes, declarou que é preciso criar uma uniformização do que é mais importante e que irá levar ao conhecimento do governador Eduardo Leite e do secretário-chefe da Casa Civil, Artur Lemos, a discussão tratada nesta manhã.

Para sugerir um encaminhamento, o assessor da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes), Neri Pies, e o presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado do Rio Grande do Sul (Aprosoja/RS), Décio Teixeira, manifestaram a necessidade de se criar um comitê de crise para debater a estiagem. A ideia é que o grupo seja composto pelas entidades representativas, Estado, deputados e senadores. Teixeira também afirmou que a situação da estiagem este ano é ainda mais grave, se comparada a anos anteriores, pois hoje ela atinge todos os setores do agronegócio e concorda que não há outra alternativa a não ser ajustar o orçamento destinado à agricultura.

O presidente da Federarroz, Alexandre Velho; o economista da Fecoagro, Tarcísio Minetto; o presidente executivo da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), José Eduardo dos Santos; o diretor executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat), Darlan Palharini, também explanaram ser necessário fortalecer o pleito em conjunto e de que é preciso recurso para dar andamento e continuidade no sistema produtivo gaúcho.

Ao fim da reunião, ficou encaminhado que será solicitado o pedido ao governo do Estado para criação do comitê de crise e, como medida emergencial, pleitear ao governo federal o ajuste no orçamento do Ministério da Agricultura. Na próxima semana terá uma grande reunião organizada pela Farsul para sensibilizar sobre a realidade da estiagem e seus reflexos onde a Famurs e as entidades apoiam a realização.

**Veículo:** Eco Regional

**Link:** <https://ecoregional.com.br/destaque/forum-estadual-do-leite-tratará-os-desafios-e-as-oportunidades-do-setor-lacteo-na-expodireto>

**Página:** Notícias

**Data:** 22/02/2022

# Fórum estadual do leite tratará os desafios e as oportunidades do setor lácteo na Expodireto

 Por Carine Pompermaier 22/02/2022

 41



## PROGRAMAÇÃO

🕒 8h30 - 8h55  
**ABERTURA DO EVENTO**

🕒 9h00 - 10h00  
**COMO FAZER A GESTÃO DA PECUÁRIA DE LEITE SUPERANDO CRISES.**  
*Méd. Vet. Matheus Balduino Moreira - Rehagro, Belo Horizonte/MG.*

🕒 10h05 - 11h05  
**DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O SETOR LÁCTEO BRASILEIRO.**  
*Dr. Paulo do Carmo Martins - Professor UFJF, Juiz de Fora/MG.*

🕒 11h10 - 12h10  
**DESAFIOS DO MERCADO DE LEITE EM 2022.**  
*Eng. Agr. Gustavo Beduschi - Diretor Executivo Viva Lácteos, Brasília/DF.*

🕒 12h10 - 12h30  
- **DEBATE ENTRE OS PALESTRANTES E OS PARTICIPANTES.**  
- **ENCERRAMENTO DO FÓRUM.**

📍 **AUDITÓRIO CENTRAL DA EXPODIRETO - Não-Me-Toque/RS**  
📅 **9 de março de 2022**  
🕒 **8h30**

PROMOÇÃO

**cotrijal**

**CCGL**

APOIO

**RTC**

**FincAgras**

PATROCÍNIO

**SENAR**

**BRDE**

**Rehagro**

O 17º Fórum Estadual do Leite, que ocorrerá em 9 de março, dentro da programação da 22ª Expodireto Cotrijal, abordará desde questões técnicas do setor leiteiro, de como fazer a gestão da pecuária de leite para superar crises, até os debates em torno dos desafios do mercado de lácteos para 2022. O encontro é organizado pela Cotrijal e pela CCGL e conta com o apoio do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat). O espaço, direcionado a produtores de leite, pesquisadores, lideranças do setor, tem o objetivo de ser um fomentador de políticas públicas para a atividade.

Para o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, o evento é uma oportunidade de unir toda a cadeia do leite gaúcho para discutir os problemas que o setor enfrenta. "É um momento de discussão, de diálogo entre todos os setores e que eleva a competitividade e a qualidade do leite produzido no Rio Grande do Sul", destaca.

A programação do Fórum inicia-se às 9h, com a palestra 'Como fazer a gestão da pecuária de leite superando crises', sob o comando do médico veterinário Matheus Balduino Moreira, de Belo Horizonte (MG). Na sequência, a partir das 10h, o professor e doutor Paulo do Carmo Martins, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), abordará os desafios e as oportunidades para o setor lácteo brasileiro. Depois, com previsão de início às 11h10min, o evento trará a palestra 'Desafios do mercado de leite em 2022', ministrada pelo engenheiro agrônomo e diretor-executivo da Viva Lácteos, de Brasília (DF), Gustavo Beduschi. Para encerrar os trabalhos da 17ª edição do Fórum os palestrantes e participantes farão um debate.

A Expodireto Cotrijal, uma das maiores feiras de agronegócio da América Latina, será realizada de 7 a 11 de março, em Não-Me-Toque (RS).

**Veículo:** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

**Link:**

<http://www.al.rs.gov.br/agenciadenoticias/destaque/tabid/855/IdMateria/327404/Default.aspx>

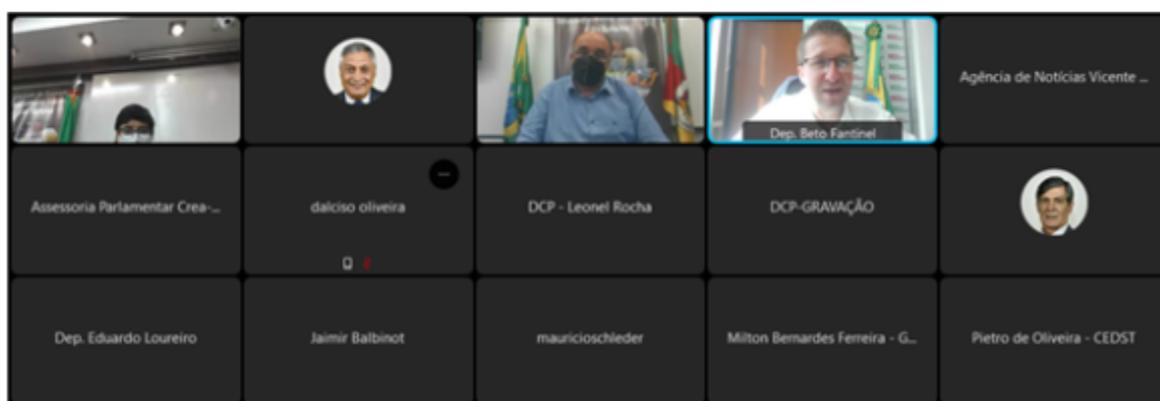
**Página:** Comissões

**Data:** 23/02/2022

## COMISSÕES

# Deputados debatem desenvolvimento regional e entraves às cadeias produtivas do leite e tabaco

Vicente Romano - MTE 4920 | Agência de Notícias - 10:45 - 23/02/2022 - Foto: Divisão de fotografia



Reunida na manhã desta quarta-feira (23), a Comissão de Economia, Desenvolvimento Sustentável e do Turismo da Assembleia Legislativa debateu o desenvolvimento regional e entraves às cadeias produtivas do leite e do tabaco. O encontro foi comandado pelo presidente do Colegiado, deputado Zé Nunes (PT).

Defendendo a urgência da construção de acessos asfálticos para o desenvolvimento de municípios da região central do Estado, o deputado Adolfo Brito (PP) informou que na manhã desta quarta-feira (23) estará reunido com a diretoria do Daer para

tratar do assunto. Brito afirmou que o encontro busca a definição das obras asfálticas entre Dunas e Jacuizinho e Lagoão à BR 347, em Segredo. "Em razão da importância regional destes acessos, estaremos acompanhados de 17 dirigentes municipais", relatou. O deputado disse, ainda, que tem redobrado esforços para a recuperação da rodovia que liga os municípios de Agudo e Dona Francisca e para o início da conclusão da rodovia no trecho em direção a Nova Palma, chegando a Pinhal Grande. O deputado Zé Nunes ratificou a importância do acesso asfáltico para o desenvolvimento regional. "Sem estradas asfaltadas não há desenvolvimento", concordou.

### **Leite**

O deputado Zé Nunes anunciou que protocolou junto à Comissão de Agricultura um requerimento para que o Sindilat/RS possa se manifestar sobre os reflexos da aplicação dos decretos 56.116 e 56.117, de 30 de setembro de 2021, que definiram o fator de ajuste de fruição, na cobrança do ICMS. Conforme o deputado, os decretos atingem a agroindústria da proteína gaúcha, que perde competitividade, especialmente com os produtos catarinenses. "O pessoal da cadeia produtiva do leite busca um espaço de diálogo para explicar as especificidades do setor. Estes dois decretos estaduais estão onerando a produção e colocando o RS em condições de desigualdades com o estado de Santa Catarina. Zé Nunes alertou para o possível desmonte de linhas de produção, se continuar o quadro atual.

### **Tabaco**

O presidente da Comissão também fez referência à tramitação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Assembleia do Projeto de Lei 204/2021, que trata de mudanças no sistema de classificação do fumo. Conforme ele, aprovada a proposta, a folha do tabaco passa a ser classificada dentro da propriedade do agricultor, ao contrário do que é hoje praticado pelas indústrias fumageiras. O deputado Beto Fantinel (MDB) explicou que no atual modelo de classificação, em períodos de muita oferta de fumo, as indústrias rebaixam a qualidade do produto recebido ou cobram o frete do transporte do fumo entre a propriedade rural e a fábrica. "Isso é uma vergonha que desmotiva o produtor", afirmou.

### **Presenças**

Participaram da reunião os deputados Adolfo Brito (PP), Beto Fantinel (MDB), Dalciso Oliveira (PSB), Eduardo Loureiro (PDT), Fernando Marroni (PT) e Zé Nunes (PT), presidente.